

**OS REGIONALISMOS LATINOS
NO CONTO *CONVERSA DE BOIS*,
EM SAGARANA DE GUIMARÃES ROSA**

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ)

“**regionalismo**. *S.m.*

3. Locução peculiar a uma região, ou a regiões

I) INTRODUÇÃO

Estudar Literatura em sua parte teórica é embasar-se para sua contraparte prática, isto é, o texto literário. Estudar Filologia é fazer as duas, pois uma é excludente sem a outra. Aliando-se às diversas metodologias de pesquisa filológica, temos como matéria básica o texto, condição indispensável para se resgatar o legado cultural de uma sociedade em forma escrita.

João Guimarães Rosa tem assegurado, na galeria dos autores universais, a posição de um dos melhores ou talvez do expoente máximo da prosa regionalista brasileira no século XX. Encontramos em todo o acervo literário do autor mineiro o fato estético sendo (trans) formado, (re)criado, sempre relacionado com a realidade de sua nação, o Brasil. Partindo do texto *Conversa de Bois*, presente em seu livro de contos *Sagarana*, tentaremos resgatar um pouco da genial criatividade do autor de Cordisburgo, para demonstrarmos como ele utilizava o vocabulário regionalista com maestria inigualável, léxico este que apresenta inúmeros exemplos de origem neolatina. Nossa definição de regionalismo insere-se dentro do universo literário, onde locuções de uso de uma ou mais regiões mesclam-se ao labor estético do autor.

A restauração do étimo primeiro, desde seus primórdios até os dias modernos se faz necessária, já que tencionamos explicitar, como o prosador mineiro dominava o vernáculo e que, da mesma forma, nossa língua portuguesa, em seu vocabulário ligado às coisas do campo, oferece ao estudioso uma rica fonte de pesquisa no que tange à influência lexical do espanhol, do latim, do francês e do provençal.

Foge ao escopo deste trabalho uma análise estilística mais aprofundada do texto, entretanto são convenientes algumas linhas sobre autor e obra.

II) RESUMO BIOBIBLIOGRÁFICO SOBRE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Nasceu o autor de **Grande Sertão: Veredas** na pequena cidade mineira de Cordisburgo em 27 de junho de 1908, que se situa entre a zona de fazendas e de engorda de gado de Curvelo e Sete Lagoas.

As primeiras letras quem o ensinou foi Mestre Candinho, na cidade natal do autor. Filho de pequeno comerciante, em 1918 é levado pelo avô para Belo Horizonte, onde estuda no Colégio Arnaldo. Entra para a Faculdade de Medicina e em 1934 ingressa na vida diplomática, servindo em várias cidades como Hamburgo, Lisboa, Bogotá e Paris, dentre outras. Foi elevado ao posto de ministro em 1958. Em 1963 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, só vindo a ocupar a cadeira em 16 de novembro de 1967, na vaga de João Neves, vindo a falecer três dias depois.

A vida literária de Guimarães Rosa é extensa e, por isso, destacamos os principais títulos de sua produção:

A) Livros

- 1) **Sagarana** - 1ª edição, Rio de Janeiro, Editora Universal, 1946;
- 2) **Corpo de Baile** - 1ª edição, 1956. O livro passa a ser editado em três volumes independentes, a saber: 1º volume - **Manuelzão e Miguilim** (*Uma estória de amor e Campo geral*); 2º volume - **No Urubùquaquá** (*Lélio e Lina, O Recado do Morro - Cara de Bronze*); 3º volume - **Noites do Sertão** (*Dão-Lalalão, Buriiti*);
- 3) **Grande Sertão: Veredas** - 1ª edição, 1956.; 2ª edição (texto definitivo) Editora José Olympio, 1958;
- 4) **Primeiras Estórias** - 1ª edição, José Olympio, 1962;
- 5) **Tutaméia** (*Terceiras Estórias*) - 1ª edição, José Olympio, 1967;
- 6) **Estórias, estórias** - 1ª edição, José Olympio, 1969;
- 7) **Ave, Palavra** - 1ª edição, José Olympio, 1970.

b) Adaptações para teatro, cinema, literatura infantil e balé

- 1) *Teatro* - Conversa de Bois (1967); A Volta do Marido Pródigo (1960); Sarapalha (1957);
- 2) *Cinema* - Grande Sertão: Veredas (1965); A Hora e a Vez de Augusto Matraga (1966);
- 3) *Literatura infantil* - A Última Aventura de Sete de Ouros (adaptação de *O Burrinho Pedrês*, de Sagarana (1963);
- 4) *Balé* - Diadorim - São Paulo.

Dentre seus livros que abarcam o universo regional, **Sagarana** nos chama a atenção pela presença, em seus contos, de dados sobre o *modus vivendi e modus cogitandi* do nosso homem do campo, com todas as suas características regionais. Passemos a algumas considerações sobre o livro.

III) SAGARANA – OBSERVAÇÕES SOBRE O LIVRO

Reproduzimos aqui a opinião de Álvaro Lins, que sintetiza toda a força intelectual criadora de Rosa:

“As nove histórias de Sagarana são como faces distintas, ajuntadas rigorosamente para a composição de uma fisionomia coletiva, que é a de uma região de Minas Gerais, mas também representativa, em grande parte, de todo o Brasil do interior, tão diferente do litoral e tão desconhecido como se fosse um país estrangeiro.”ⁱ

Continuando em sua análise, o erudito assim se pronuncia sobre o livro:

“Ele (Guimarães Rosa) apresenta o mundo regional com um espírito universal de autor que tem a experiência da cultura altamente requintada e intelectualizada, transfigurando o material da memória com as potências criadoras e artísticas da imaginação, trabalhando com um ágil, seguro, elegante e nobre instrumento de estilo. Em Sagarana temos assim um regionalismo como processo da estilização, e que se coloca portanto na linha do que, a meu ver, deveria ser o ideal da literatura brasileira na feição regionalista: a temática nacional numa expressão universal, o mundo ainda bárbaro e informe do interior valorizado por uma técnica aristocrática de representação estética.”ⁱⁱ

Sagarana é composto por nove contos: O Burrinho Pedrês; Sarapalha; Minha Gente; A Volta do Marido Pródigo; Duelo; Conversa de Bois; Corpo Fechado; São Marcos; A Hora e Vez de Augusto Matraga. Escolhemos Conversa de Bois para nossa pesquisa filológica e, a seguir, teceremos algumas observações sobre o conto.

IV) CONVERSA DE BOIS - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTO

Na continuação das *Ressalvas*, publicadas na última página da primeira e segunda edições de **Sagarana**, lê-se: “As cantigas e os provérbios entre aspas foram ouvidos mesmo em Minas Gerais; a canção “De madrugada, quando a lua etc.” (*Minha Gente*) deve ser paraibana; o coro que ser-

ve de epígrafe à *Conversa de Bois* é uma variante deste, que figura no interessante livro “*O Gororoba*”, de Lauro Palhano: “Lá vai! ... Lá vai! ... Lá vai, - Queremos ver. - Lá vai boi Pingo – Prata Fazendo a Terra tremer!...”ⁱⁱⁱ

Conversa de Bois, juntamente com *O Burrinho Pedrês* são os dois contos, onde os bichos são os personagens mais comoventes, mais simpáticos e mais bem tratados. Em *Conversa de Bois*, os bois e os homens cruzam-se como num contraste que se prolonga até o fim. Guimarães Rosa apresenta alternadamente os diálogos dos homens e os “diálogos” dos bois, revelando-se aqui uma espécie de “**filosofia bovina**”, uma síntese do que “pensam” sobre a vida e sobre os homens. Neste conto, os bois são verdadeiros personagens, possuidores de capacidades intelectuais quase iguais às dos homens. Os bois não possuem **humanidade**, não agem, “pensam” e “falam” como os homens, à maneira das fábulas e histórias da carochinha, mas sim como **nós** podemos imaginar, com o recurso da intuição, que eles o fariam se realmente pudessem.

O homem, no conto, tem seus problemas, suas revoltas contra ele próprio, em oposição ao boi, que carrega o jugo de e na sua vida e que, à noite, resmunga, discutindo sua vida, **filosofando** sobre o círculo nascimento-crescimento-morte.

No decorrer do trabalho literário, saltou aos nossos olhos o vocabulário amplamente universal de Guimarães Rosa. Pela necessidade de conhecimento dos termos ditos regionalistas, empreendemos a “descoberta” de várias raízes neolatinas no referido texto. Apreciaremos, a partir de agora, esses vocábulos.

V) FONTES LATINAS EM CONVERSA DE BOIS

As fontes latinas do conto *Conversa de Bois* estão bem visíveis ao filólogo. Nosso texto-base de **Sagarana** é o da 27ª edição, ano de 1983. Indexamos após a análise de cada vocábulo o número da página referente à edição supra citada.

A

agorinha - lat. hac hora, com sufixo diminutivo, p.281;

arengando - latim medieval harenga, do gótico hrings, “reunião”, “discurso”, p.284;

ajoujo - latim adjugare - “cordão ou corrente com que se prendem ou jun-
gem animais pelo pescoço”, p. 289;
afanados - lat. *affanare, relacionado com o latim vulgar affanae, com pro-
vável influência do provençal, “buscados”, “procurados”, p. 291,
arrepicam - variante de origem expressiva, que remonta provavelmente ao
latim vulgar *piccare, de *piccus, forma expressiva de piccus, p. 294;
apeiragem - latim vulgar appariare, “emparelhar”. Antenor Nascentes dá
aparare, “conjunto das correias necessárias para jungir bois”, p. 305;
apeiro - variante do termo acima estudado;
adjutório - latim adjutorium, “ajuda, auxílio gratuito que prestam uns aos
outros os lavradores, trabalhando em proveito de um só”, p. 311;
aluir - latim alluere, “mexer-se”, “mover-se”, “sacudir”, “oscilar”, p. 310;
Ara! - latim hac hora ou variante de Era!, pretérito imperfeito do verbo ser,
p. 310;

B

belfas - latim bellua, “excrescência carnosa que certos galináceos têm por
baixo da cabeça”, p. 303;
bijungidos - latim, prefixo bis + jungere, “ligado duas vezes”, p. 291;
babujando - variante do latim *baba, “tocar de leve na comida, sujar-se de
baba ou comida”, p. 292;
belfos - latim bifidu, “beíços inferiores mais volumosos ou pendentes que os
superiores”, p. 283;
barbela - latim barbula, diminutivo de barba, “pele pendente do pescoço do
boi”, p. 283;

C

chazeiro - latim *plateu + sufixo ariu. A.G. Cunha propõe que seja forma
desnasalada de chanzeiro, de chã, “chão, plano”, p. 309;
chavelha - latim clavicula, “espiga do cabeçalho dos carros, junto à canga”,
p. 303;
cernelha - latim vulgar cernicula, plural de cerniculu, “a parte do corpo de
alguns animais onde se juntam as espáduas”, p. 307;
covanca - latim vulgar *cova, “terreno pouco extenso, cercado de morros,
com entrada natural apenas de um lado, formando uma espécie de bacia,
e que é, de ordinário, o extremo de um vale ou de uma várzea”, p. 296;
colgados - latim collocare, “suspensos, deixados pendentes”, p. 291;
cornil - latim cornu, “aparelho usado na cabeça da rês para melhorar seu ju-
go”, p. 289;

coisando - latim causa, “pensando, imaginando”, p. 285;
comborço - latim cum + pelex, “prostituta(?)”, “aquele que é amante de uma mulher em relação ao marido ou outro amante dessa mulher”, p. 285;
cachaço - latim * cacculus, clássico caccabus, “panela, caldeirão”, “parte posterior do pescoço”, p. 294;
corruptou - latim corruptio, “girar muito”, p. 282;
cilhador - lat. cingula, “tira com que se aperta a sela ou a carga por baixa do ventre das cavalgadas”, p. 299;

D (alguns exemplos)

desageração - neologismo proveniente de exaggeratio, p. 310;
desesquentou - neologismo proveniente de callentem, participio de callere, p. 314;
danisco - ligado ao latim damnare, “incrível, pasmoso, danado”, p. 304;
destamanhos - neologismo proveniente de tam magnus, p. 305;
desmochada - segundo Paul Barbier, citado por Nascentes, de murculu, “pessoa que por não seguir a vida da milícia amputava o polegar”; existe também a fonte hispânica, citada por A.G. Cunha, do castelhano mocho, provavelmente de origem expressiva, p. 299;
dessorava - neologismo proveniente de de + soro + are, “enfraquecer, debilitar”, p. 292
desenxabida - neologismo proveniente de enxabido, do latim *insapidu, com hiperbibasmo, p. 284;

E (alguns exemplos)

espertar - latim expergitu, “estimular, ativar, dirigir”, participio passado de expergiscere, “acordar”, p. 309;
enxergão - latim enxerga, do latim en + serica, plural de sericum, “estofa de seda” - “suadouro que se põe sobre o lombo do cavalo, por baixo dos arreios; espécie de colchão de palha muito apertado”, p. 298;
enjerizado - latim ingerere, “enrugado, encolhido de frio”, p. 291;
espevitada - latim *pipita, de pituitia, “estimulada, irritada, zangada”, p. 284;
empouou-se - latim *pulvus, sendo a forma originária *pulus, “cobrir de pó, poeira”, p. 282;
escanchado - latim *exquassiare, “separar de meio a meio, alargar as pernas, quando monta-se a cavalo ou à maneira de quem o faz”, p. 316;
estrambelhado - de trambelho, latim *trabeculu, “pequena trave”; “indivíduo desorganizado”, p. 317;

F

fueiros - latim funariu, “estaca destinada a amparar a carga do carro de bois”, p. 292;

G

giba - latim gibba, “corcunda”, p. 287;

I

ilhais - de um primitivo ilha, do latim ilia, “ilhargas”, p. 288;

L

lanço - deverbal de lançar, latim lanceare, “manejar ou atirar a lança”, p. 299;

M (alguns exemplos)

mossas - latim morsu, “mordedura, morso, com mudança de declinação, sinal que se faz, como marca, na orelha de uma rês; abalo, vestígio de pancada ou pressão”, p. 286;

meão - latim medianu, “peça central, grossa, da roda dos carros, na qual se embebe o eixo e assentam as cambas; cavalo cuja marcha habitual é o meio”, p. 295;

P

palhada - latim palea, “mistura de palha e farelo dada aos animais”, p. 282;

pegador, latim picare, “untar de pez”, “colar, grudar”, p. 281;

R (alguns exemplos)

rilhando - latim vulgar *ringulare, derivado de ringi, “ranger os dentes”; A. Coelho, citado por Nascentes dá rigare ou o hipotético rodiculare; Cortesão fala em rigidulare, p. 285;

rabeio - latim rapu, “ato de rabear”, p. 282;

rezinguenta - vocabulário onomatopaico, talvez com base em rezar e este do latim recitare, “dizer por entre os dentes”, p. 312;

retinto - latim tingere, “tingido de novo”, p. 283;

S (alguns exemplos)

sestro - latim sinistru, através do arcaico seestro, “esquerdo”, p. 309;

sola - latim vulgar *sola, pelo clássico solea, “couro curtido de boi”; “cabeçalho para puxar a grade ou a charrua”, p. 310;

sovela - latim *subella, por subula, “instrumento de ferro ou de aço, em forma de haste cortante e pontuda, que os sapateiros e correeiros usam para furar o couro a fim de coser”, p. 310;

sojigar - alteração de subjugar, do latim subjugare, “dominar, subjugar”, p. 310;

soalheira - latim *solaculum, “a luz e o calor mais intensos do sol”, p. 312;

salmilhado - latim salis + miliu + sufixo ado, “salpicado de branco e amarelo”, p. 283;

soga - latim tardio soca, “soga, corda grossa usada para prender animais ao poste”, p. 289;

solevou - latim levare, “erguer-se”, p. 282;

T (alguns exemplos)

tamoeiro - latim científico tamus, do latim tammus, “planta da família das dioscoreáceas”, p. 311;

tavoas e tavãs - latim tabanus, “mosca-da-madeira”, p. 285;

tenteando - latim tentare ou temptare, “sondar, investigar”, p. 285;

torei - latim torus, “cortar uma tora”, p. 307;

touceira - possivelmente de um pré-romano *taucia, “mata”, diz A.G. Cunha, p. 289;

U

unto - latim unctu, “óleo”, “banha ou gordura de porco”, p. 292;

V

vezo - latim vitiu, “vício”, “costume vicioso ou criticável”; “qualquer hábito ou costume”, p. 297;

Z

zurzir - possível alteração de cerzir e este do latim sarcire, “açoiar, espancar, punir, afligir, magoar”, p. 300.

Outras fontes lexicais do conto, que agora listaremos, prendem-se a vocábulos de criação eminentemente românica.

VI) FONTES NEOLATINAS DE CONVERSA DE BOIS

Podemos classificar os étimos românicos, de acordo com as respectivas línguas, em:

VI.1.) *Étimos italianos*

bisca - italiano bisca, “lugar onde se joga, e este do antigo italiano biscazza, derivado do latim médio biscatia, pessoa de mau caráter”, p. 298;
trilo - italiano trillo, “trinado, gorjeio”, p. 312.

VI.2.) *Étimos provençais*

soslaiando - antigo provençal d'eslais, “impetuosamente”, através do espanhol soslayo, “de lado, de esguelha”, p. 306;
trabucar - provençal trabucar, “perturbar, derrubar”, p. 293.

VI.3.) *Étimos franceses*

boleto - francês boulet e este do latim boletu, “gênero de cogumelos ou a parte superior de um trilho rodoviário sobre a qual se apóiam e deslocam a roda dos veículos”, p. 287;
biselados - francês antigo bisel, “chanfrados”, p. 286;
bistre - francês bistre, “roxo das olheiras”, p. 283;
cinzéis - variante de cisel (antigo), este do francês antigo cisel; o n será por influência de pincel, “instrumento de aço cortante numa das extremidades e usado especialmente por escultores e gravadores”, p. 289;
estúrdio - francês étourdi, do latim vulgar exturdius, “extravagante”, p. 300;

garraram - Figueiredo, citado por Nascentes, dá origem árabe al gara ou francês garer do antigo alemão waron, “tirar as garras de couro do animal; prender com a garra”, p. 310;
hulha - francês houille, “carvão fóssil”, p. 282;
ocre - francês ocre, do latim ochra, “variedade de argila colorida pelo óxido de ferro”, p. 283;
plissada - francês plisser, “em que se faz plissè”, p. 283;
rés - francês rez, do latim rasus,-a,-um, “raso, pela raiz”, p. 293;
rechinar - vocábulo onomatopaico, “produzir som agudo ou áspero”. A. Coelho dá talvez como origem o francês rechigner, p. 282.

VI.4.) *Étimos espanhóis*

cenho - espanhol ceño, “aspecto ou rosto severo, carrancudo; doença entre o casco e o pêlo das cavalgadas”, p. 303;
chorrilhando - espanhol chorrillo, “conjunto de coisas ou pessoas mais ou menos semelhantes; seqüência rápida e contínua”, p. 304;
carapuçado - espanhol caperuza, “objeto semelhante ao barrete cônico”, p. 293, brasileiro, com o sentido de “couraçado, cabeça dura”;
chamurro - espanhol chamorro, p. 289, “novilho castrado e tosquiado”;
cincerro - espanhol platino cencerro, “caminha grande pendente do pescoço da besta que serve de guia às outras”, p. 289;
cogote - espanhol cogote, “região occipital, nuca”. M. Lübke dá cucutiú como origem do termo hispânico, p. 288;
churrião - espanhol chirrión, “carruagem pesada”, p. 284;
carantonha - espanhol carãntoña. A.G. Cunha dá cara, “mas de formação estranha”; talvez se prenda a carântula, “cara feia e grande”, p. 306;
garrão - espanhol garrón, “ligado a unha e força para segurar algo”, p. 287;
guampa - espanhol platino guampa e este possivelmente do mapuche, “chifre pesado, especialmente o que foi preparado para servir como copo”, p. 289;
munhecas - espanhol muñeca, “parte da mão em que ela se liga ao braço”, p. 284;
padiola - latim paleola, através do espanhol parihuela, “maca”, p. 299;
patranha - espanhol patraña, “grande mentira”, p. 312;
perigalho - espanhol perigallo, “pele de barba ou pescoço, descaída por magera ou velhice; pelanca”, p. 314;
repisonga - origem obscura - talvez ligado ao espanhol songa, “burla”, p. 285;

sedenhos - origem controvertida - ou do latim seda + eniu ou diretamente do espanhol sedeño, “crina cortada de que se fazem cordas; a cauda das reses e o respectivo cabelo”, p. 292.

VII) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sagarana é um livro que desperta a curiosidade e o fascínio do leitor para toda a ambiência do campesino brasileiro. *Conversa de Bois* é um conto, no qual toda uma problemática da relação Homem - Natureza - Animal está presente, com a “filosofia animal” e a “bestialidade humana” trabalhadas conjuntamente. Neste trabalho, tentamos fazer a apresentação sucinta dos termos regionalistas do conto e percebemos, quão rico o léxico dos sertões das Minas Gerais é em termos latinos e neolatinos. Guimarães Rosa, como diplomata, teve acesso à cultura *lato sensu*, elaborando e reelaborando vocábulos ao sabor de sua riquíssima imaginação e senso estético.

Preferimos fazer um levantamento vocabular e explicação dos termos por tentarmos, com esse nosso primeiro passo, fazer aquilo que Segismundo Spina considera como a função substantiva da Filologia, ou seja, “A explicação do texto, a sua restituição à forma original através dos princípios da crítica textual, e a sua organização material e formal com vistas à publicação...”^{iv}

Sabemos que o trabalho é pequeno, porém, como afirma Antonio Houaiss, “cada um dá de si o melhor, para que, depois, o melhor possa ser melhorado por outrem.”^v

VIII) BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro : Presença/EDUSP, 1987.
- Dicionário biográfico dos grandes brasileiros*. São Paulo : Abril Cultural, 1978.
- CLEROT, L.F.R. *Vocabulário de têrmos populares e gíria da Paraíba*. Rio de Janeiro : [s. e]/, 1959.
- COSTA, F.A. Pereira da. *Vocabulário pernambucano*. Separata do volume XXXIV da Revista do Instituto Archeologico Histórico e Geográfico Pernambucano. Recife : Imprensa Oficial, 1937.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 15ª impressão. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1975.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1971.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Acadêmica/Livraria São José/Francisco Alves/Livros de Portugal, 1955.
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 27ª edição. Rio de Janeiro : José Olympio, 1983.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo : Cultrix/EDUSP, 1977.

IX) NOTAS

ⁱ Apud ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 27ª edição. Rio de Janeiro : José Olympio , 1983. p.XXXVIII.

ⁱⁱ Apud ROSA, João Guimarães. *Ibidem*, p. XXXIX.

ⁱⁱⁱ *Idem, ibidem*, p. XVIII.

^{iv} In: SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo : Cultrix, EDUSP, 1977. p.76;

^v Apud ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 27ª edição. Rio de Janeiro : José Olympio , 1983. p. 10.